

Em todos os pontos do país o operariado nas suas reuniões tem reclamado com insistência a liberdade dos presos por questões sociais.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 904

Quarta feira, 2 de Novembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redação, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-2, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Táhara-Lisboa # Telefone 5339-c

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A vergonha da farda

Os últimos acontecimentos políticos criaram conflitos morais e sociais, cuja crítica um jornal como *A Batalha*, que caminha à parte da intriga e não pretende imiscuir-se nas questões pequenas, rasteiras a que pomposamente se chama «política nacional», tem obrigações de fazer não só para apresentá-los ao povo como eles realmente são — rasteiros e repugnantes — como para colocar o seu ideal de harmonia e de perfeição acima dessa intriga que enoja e degrada.

Entre as pequenas intrigas, entre as pequenas questões que a «política nacional» nos tem apresentado nestes últimos dias, alguns factos há que não valem um comentário; outros valerão apenas um simples apontamento elucidativo. Um, porém, merece a nossa atenção porque é certo que os ensinamentos não só para os desiludidos da sociedade capitalista, como para muitos dos ingênuos que ainda tem esperança em dias melhores sob a tutela dumha sociedade corrupta, onde imperam os que roubam, os que matam e os que denunciam.

Devem ter notado os nossos leitores que grande número de oficiais do exército e da marinha tem pedido a sua demissão; uns porque os atentados ultimamente praticados lhes causaram repulsa, outros porque o seu brio pessoal e a sua autoridade tem sido desrespeitados pelos homens que triunfaram da última revolução.

Estamos, pois, assistindo ao desmoronar do militarismo — esse pilar da que a burguesia se orgulhava, essa força cega com que os governos contavam confianteamente.

Este facto regozija-nos, não porque vejamos no gesto desses oficiais a revolta consciente contra uma obediência passiva que os obriga a fechar os olhos à verdade e a calcar, sempre que dessa causa maior e imposta — o Estado — viessa uma ordem terminante, os sentimentos mais nobres, as aspirações mais justas do povo e, por vezes, os próprios interesses dos que obedeciam.

Não, infelizmente não é o espírito nitidamente anti-militarista que anima esses oficiais. Afirmá-lo seria iludir-nos e iludir o público. Entretanto, se esses oficiais não abandonaram as fardas animados dum rascão, espírito libertário, como nós desejarmos, o seu gesto é louvável, por quanto, à parte meia dúzia de despeitos pessoais, ele representa já a descrença no deus Estado a que é preciso obedecer. E já um pouco de consciência que deserta, que se revolta contra iniquidades cometidas à sombra da farda — esse fantasma, esse perdão de pano ao qual se pretende atribuir todas as virtudes. São os próprios militares que reconhecem, pela evidência flagrante, que essa autoridade excessiva dada ao militar corrompe o homem incitando-o ao abuso dessa mesma autoridade. São os militares que começam a envergonhar-se de ser militares!

Dissemos que o gesto não é plenamente consciente, por quanto alguns deles julgam que isto é uma desmoronização momentânea e não convenceram ainda, que essa desmoronização é o fruto da própria estrutura de militarismo, que não permite ao homem a sua liberdade do pensamento, que o submete cegamente ao deus Estado que deve ser incorruptível.

Àmanhã, é possível que muitos desses que abandonaram a farda se convençam de que o militarismo é brutal e desumano.

A manifestação de sentido nacional

que o Centro de Cultura Social pretende realizar tem piada e não ofende...

O Centro de Cultura Social pede-nos a publicação da seguinte notícia:

«A modesta mas sincera homenagem que a Sociedade Cultura Social pensa levar a efeito no dia 6 do corrente, à memória de consócios que prestaram relevantes serviços à Pátria e à República, convidou os senhores comandantes das diversas unidades e serviços do seu ministério, a encorpararem no cortejo que faz parte da homenagem projectada bem como a nomearem deputações de oficiais, sargentos e praças para o mesmo fim, autorizando igualmente a comparsa das bandas e termos de clarins das unidades que as possuam, no local que oportunamente for anunciado para a organização do cortejo. E assim a manifestação será o catalafaco armado na rua de Grémio Lutiziano, n.º 35, em honra de prestitos cidadãos que à Pátria deram todo o seu esforço como os que se chamaram: Cândido dos Reis, Miguel Bombarda, Machado Santos, Carlos da Mala, António Granjo, Feio Terenas, Franco Borges, Alexandre Braga, Ferreira Pacheco, Faustino da Fonseca, Tomás Cabreira, Albino José Baptista, Alferes Martins, António Macieira, António Diogo da Gama, Capitão Pal, Estevam de Vasconcelos, Gregório Fernandes, E. Gomes da Silva, Eurico Castelo Branco, Coelho Mourão, Pedro Boto Machado, Carolina Angeló, Eliza Branco, Judite Melo Vieira, etc., etc.

Entre as últimas adesões recebidas não pôde a comissão organizadora deixar de referir, manifestando o seu reconhecimento, à da D. reccão da Associação de Industriais de Panificação Independentes, pela gentil oferta, do seu auxílio moral e material, tendo já hoje: mas as seguintes a registar: Grémios: Obreiros do Trabalho, Vulcano e Futebol; Associação Comercial de Lisboa, Academia Instrutiva do pessoal do Caminho de Ferro de Leste e Norte, Juntas de Paróquia de Bemposta e S. José, Camaras Municipais de Lourenço, Seixal e Torres Vedras, Centro Escolar Dr. Afonso Costa. Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário da comissão organizadora, Avenida Almirante Reis 14 A a 14 C, Lisboa.

Que vêem os leitores em todo este arraçoado? Nós vimos, que elementos certamente partidários da situação presente, pretendem com esta manifestação só vêr se conseguem granger as simpatias do povo que, se tem limitado a ver os interessantíssimos espectáculos que os políticos ultimamente nos tem dado, e ao mesmo tempo dar uma bofetada sem mao nos partidários dos assassinados que os tecem chorado rui-

Ferroviários do Estado

O engenheiro Alvaro Castelões pede para que a sua sindicância baixe ao Tribunal Administrativo

O engenheiro sr. Alvaro de Castelões confiou ontem com o sr. ministro do comércio acerca da sua situação nos caminhos de ferro do Minho e Douro, pedindo que o processo de sindicância, que lhe diz respeito, baixasse imediatamente ao Supremo Tribunal Administrativo para revisão. O sr. Castelões vai partilhar para a sua casa no norte onde aguardará a resolução do Tribunal.

Para exercerem internamente os cargos de director e sub-director dos caminhos de ferro do Minho e Douro, serão nomeados, respectivamente, os engenheiros srs. António Alvaro Ribeiro, Dr. Afonso Costa. Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário da comissão organizadora, Avenida Almirante Reis 14 A a 14 C, Lisboa.

Uma comissão de ferroviários conferenciou com o ministro do Comércio sobre a normalização dos serviços

Uma comissão delegada dos ferroviários do Minho e Douro, acompanhada por um representante da União Ferroviária do Porto, procurou ontem o sr. ministro do Comércio para tratar dos assuntos relativos à normalização dos serviços que os tecem chorado rui-

em mangas de camisa

Manifestação fúnebre A 6 do mês que decorre

realiza-se, como noutra lugar notícias, uma manifestação fúnebre aos republicanos que repousam definitivamente nos cemiterios.

Promovem essa manifestação vários grupos afiliados ao actual regime.

De facto é justo que sejam homenageados os mortos, porque os vivos não

tem feito senão cometer tolices.

E a actual manifestação parece ser

uma razoável tolice.

É possível que ela não venha a ter

importância e que a cada republicano morto, não corresponda mais que um

republicano vivo.

Processos vigarísticos A manifes-

tação de domingo redundou num completo fiasco.

O patriótico diário da tarde *A Capital*

pretendeu salvá-lo servindo-se para isso

de quantas sem-razões lhe acudiram.

Confessa porém que o número dos

manifestantes era pequeno. Mas essa

meia duzia de manifestantes representa-

va o povo, por meio de delegações.

É um processo vigarístico já muito

desacreditado. Como se nós não sou-

bessemos que os manifestantes eram

de gados de si mesmo.

Aspetos de Sacco e Vanzetti

A Federação dos Empregados no

Comércio protesta

contra as condenações iníquas

Reuniu ontem, extraordinariamente

a Junta Executiva (Zona Sul) da Federa-

ção dos Empregados no Comércio,

tratando de vários assuntos de interesse

corporativo, registando a adesão da

Associação dos Caixeiros de Leiria, e

protestando contra a bárbara condena-

ção à morte de Sacco e Vanzetti, dedi-

cados militantes e organizadores do mo-

vemento operário sindicalista.

Juv. tude Sindicalista

de Braga

A Juventude Sindicalista de Braga,

reuniu ontem em assembleia geral, apre-

ciando a iniquidade que constitui a

condenação à morte dos anarquistas

italianos Sacco e Vanzetti, resolvendo en-

viar à legação americana em Lisboa o

seguinte telegrama:

«Ex.º Sr. Ministro da América, Le-

gião em Lisboa. A Juventude Sindicalista

de Braga, reuniu hoje, protesta

contra a execução de Sacco e Vanzetti.

— Pinto, secretário.

As greves em França

Estendem-se a Avesnes

Wignehies e Fourmies

Acabam de se declarar em greve mu-

chos operários têxteis de Avesnes Wi-

gnéhies e Fourmies.

Hughey, secretário da União dos Sin-

dicatos Operários do Norte, foi pre-

sentado ontem a morte dos anarquistas

italianos Sacco e Vanzetti, tendo de ir responder perante o tribunal pelo crime de ultrajes aos gendarmes.

Também somos informados de que

o ministro do interior, concordando

com a ideia exposta pela Sociedade de

Cultura Social, de promover uma grande

manifestação à memória de consócios

que faleceram desde 3 de outubro de

1910 que muito honraram a Pátria e a

República, convidou os senhores coman-

dantes das diversas unidades e serviços

do seu ministério, a encorpararem no

cortejo que faz parte da homenagem

projectada bem como a nomearem de-

putações de oficiais, sargentos e pra-

ças para o mesmo fim, autorizando

igualmente a comparsa das bandas

e termos de clarins das unidades que

as possuam, no local que oportunamente

for anunciado para a organização do

cortejo. E assim a manifestação será

o catalafaco armado na rua de

Grémio Lutiziano, n.º 35, em honra de

prestitos cidadãos que à Pátria deram

tudo o seu esforço como os que se

chamaram: Cândido dos Reis, Miguel

Bombarda, Machado Santos, Carlos da

Mala, António Granjo, Feio Terenas,

Franco Borges, Alexandre Braga, Fer-

reira Pacheco, Faustino da Fonseca,

Tomás Cabreira, Albino José Baptista,

Alferes Martins, António Macieira, Ma-

nuel Diogo da Gama, Capitão Pal,

Estevam de Vasconcelos, Gregório Fer-

nandes, E. Gomes da Silva, Eurico

Castelo Branco, Coelho Mourão, Pedro

Boto Machado, Carolina Angeló, Eliza

Brando, Judite Melo Vieira, etc., etc.

Está pois o ministério em crise.

Isto significa que a revolução está demissionária

porque não pode manter-se o governo presidido

pelo homem que a chefia.

Em Vila Nova de Gaia

arrão das Juventudes Sindicalistas. — Para a inauguração de uma biblioteca, a Juventude de Gaia realiza uma importante sessão de propaganda

PORTO, 31. — Como tinha sido largamente anunciado, quer pela imprensa, quer por um pequeno manifesto, a Juventude Sindicalista do concelho vizinho de Gaia, que bastante se tem evidenciado na sua ação de organização e de educação, efectuou ontem uma importante sessão solene de propaganda, inaugurando uma biblioteca que assim ficará como que completando os esforços da sua escola moldada, tanto quanto possível, nos métodos racionalistas preconizados por Feirer. Tanto pela concorrência notada, como pelo número de representações e pelos discursos proferidos, foi uma festa que em todos deixou gratas recordações e que urge repetir.

Um membro do Núcleo convidou para presidir à sessão o camarada Inácio Santos Viseu, do Sindicato Único Metalúrgico do Porto, que teve como secretários os camaradas Eduardo Peixoto e Manuel Pereira, respectivamente delegados dos Núcleos das Juventudes Sindicalistas do Porto e Póvoa de Varzim. O presidente, no seu discurso de abertura, refere-se ao confusismo que ultimamente a dividindo o operariado e à ação das juventudes sindicalistas, que empenharam o melhor dos seus esforços na neutralização do mal que esse confusismo vinha trazendo.

A Juventude Sindicalista de Gaia, com a fundação da sua escola racional e com a inauguração da sua biblioteca vem também ajudar a destruição dos restos do confusismo, criando caracteres e consciência, que buscam a sua instrução e educação revolucionária e ideológica nos livros dos cientistas e dos filósofos universalmente conhecidos. Refere-se à educação sédiga que ensina a amar uma pátria que desrespeita a grande maioria dos seus filhos e defende a educação racional que ensina as crianças a amar a Humanidade integrando gesto de solidariedade, de amor e de liberdade sob o seu triplique aspecto económico, político social.

Termina por apelar para que os jovens de Gaia insuflam uma nova vida nos seus sindicatos, para que a organização local, que nos últimos tempos tem desmantelado tem estado, reviva e se desenvolva.

Na leitura do expediente, verifica-se estarem representados, entre outros, os seguintes organismos: Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto e suas secções das indústrias de mobiliário, construção civil e metalúrgico, bem como a secção mista das Antas; Juventudes Sindicalistas da Póvoa de Varzim e Braga; Federação das Juventudes Sindicalistas Portuguesas; Sindicatos Únicos dos Operários Têxteis e de Calçado, Couros e Peles, do Porto; União dos Sindicatos dos Operários do Porto; secção dos operários de calçado, couros e peles de Gaia; Sindicatos dos Carregadores e Descarregadores de Mar e Terra do Porto de Gaia, dos Artistas Confiteiros e Artes Correlativas, das Artes Gráficas e dos Manipuladores de Pão, do Porto; Associações dos Operários Têxteis e dos Metalúrgicos, de Gaia; Associação dos Operários Cerâmicos do Porto e Gaia, Centro Comunista do Porto, Grupo Anarquista «Refractários», Gruno Dramático Recreativo e Musical «Hora e Glória», etc., etc.

Anastácio Ramos assevera que nunca, como agora, a organização esteve tão forte, e tanto mais forte ela estará, quanto maior for o avultamento dos políticos. Refere-se à serenidade que o povo manteve nos acontecimentos recentes, inclusivamente à dos jovens, apesar de impulsivos, e faz uma crítica à miséria do povo e sua educação, que vê tudo as avessas. As juventudes e o operariado devem fortificar ainda mais a organização, para suceder a esta sociedade capitalista em decadência.

Por último, fala David João de Oliveira, que elogia a obra das juventudes de Gaia e faz um apelo para que todos contribuam no máximo dos esforços para que a escola e a biblioteca progridam, aludindo igualmente à situação da organização da Gaia, à próxima Revolução Social e à herança que a burguesia legará ao operariado. Após uma breve alocução do presidente, a sessão encerra-se aos vivas às juventudes, a C. G. T. «A Batalha», etc.

Bento Novais cantou um fado alusivo a Ferrer e Luís A. de Carvalho recitou «O Revoltado». Um magnífico sexteto tocou os conhecidos hinos revolucionários, que a assistência acompanhou, incluindo o de «A Batalha».

A sala estava artisticamente ornamentada com colchas, palmas, jornais operários e bandeiras das colectividades representadas. Foi tirada uma quota para um camarada estrangeiro perseguido, que rendeu 1580. Enfim, foi, como já disse acima, uma magnífica festa de propaganda a que poucas vezes tenho assistido.

Esquecia-me dizer que foi tirada uma fotografia aos alunos e que as juventudes de Gaia vão oferecer um exemplar ao jornal «A Batalha».

A exploração e maus tratos sobre os menores

Um julgamento

É a 4ª feira que no Tribunal de Arbitros Aviadores deve ser julgado em processo disciplinar, «por desrespeito à lei de 14 de Abril de 1891 e reincidência na prática de maus tratos aos aprendizes menores, a firma industrial Cândido S. Sousa, com oficina de serraria, na Rua da Cura.

O auto da reincidência foi presente tribal pelo respectivo vogal, o camarada Joaquim da Silva, e são testemunhas no processo o corregedor e o sub-delegado de saída de serviço na área da Esperança e o respectivo guarda que o acompanhava, o polícia que andava de serviço e o camarada metalúrgico Carlos Marques de Oliveira.

Reincidente da referida firma, que chegou a obrigar um dos aprendizes com treze anos a anular um dia todo a carregar madeira da estância para a oficina, ao ponto do pobre pequeno se ter ferido na espinha dorsal, como foi verificado pelo sub-delegado da saúde, é razão suficiente para que aos desmalados patrões seja aplicado um rigoroso correctivo para exemplo dos restantes exploradores e desumanos que fazem das pobres crianças bestas de carga e para que de futuro se cumpra a lei de proteção às mulheres e menores na indústria.

Aos operários da Construção Civil de Lisboa

Nota oficiosa do Sindicato

Camaradas: Estando próximo o fim do corrente ano e consequentemente próxima a data em que o Sindicato vai proceder a nova nomenclatura de sócios, previnem-se os camaradas que por qualquer motivo estejam em atraso no pagamento das suas cotizações a virem regularizar a sua situação para com o Sindicato até ao dia 15 do corrente, a fim de não incorrerem no risco de serem eliminados.

Juliano José Ribeiro, em nome do Grupo Anarquista «Refractários» rego-

Teatro de S. Carlos

Teatro de S. Carlos Tel. 5035
Companhia dramática
Roy Colaço-Robles Monteiro
Hoje, às 24 horas (9 em ponto)
A peça de grande sucesso

IRUBAIKI!

Deslumbrantes scendrios!

Magníficos efeitos de luz!

A peça mais espetacular dos últimos tempos!

Indústria mobiliária

O pessoal da casa Manuel da Silva abandona o trabalho por espirito de solidariedade para com dois camaradas

A comissão de melhoramentos do Sindicato Único Mobiliário, ontem reunida, ocupou-se dum caso passado na casa Manuel da Silva, e que foi assim exposto pelo pessoal respetivo:

O patrão tem por hábito insultar alguns operários menos decididos, chagando até a tentar agredilos. Ontem repetiu-se este facto com um camarada e dando-se ao caso das palavras que o patrão lhe dirigiu serem para outro camarada que, pela sua conduta, tem a simpatia dos restantes e *inso-facto* a antipatia do patrão. Em face disto o camarada indirectamente visado e o vizinho abandonaram o trabalho, sendo seguidos pelo restante pessoal e vindo entregar o caso ao sindicato, que, por intermédio dessa comissão, já começou a tratar do assunto, procurando entrevistar o industrial, não conseguindo, o que procuraria conseguir hoje.

Para apreciar o resultado desta *démarrage*, reúne hoje esta comissão, às 20,30 horas, devendo comparecer também o pessoal da casa.

Assembleia do Registo Civil

Pedro Boto Maia

Pelas 23 horas de ontem foi recebida na Associação do Registo Civil a notícia telegráfica do falecimento do sr. Pedro Boto Machado, reunido a direção extraordinariamente com os membros que estavam presentes, deliberando suspender imediatamente a quermesse que estava decorrendo, excluir na acta das suas sessões um voto de profunda consternação e encarregar o sr. Bento Bento Ferreira de a representar no funeral daquele seu correlegião.

Consultas médicas

Realiza-se hoje, das 16 às 17 horas a 1.ª consulta médica, dirigida pelo dr. Silva Martins, que obsequiosamente se prestou para este fim, a iniciar as suas consultas médicas, na sede da Associação do Registo Civil, Largo do Intendente, 45.º

Os dentes têm a vantagem de avarem os seus recetários nas farmácias que entenderem.

Esta Associação, desde que iniciou estas consultas, tem sido bastante corrida, pelo que está gratamente reconhecida perante os dignos clínicos, que desinteressadamente dirigem as suas consultas, o que representa um grande auxílio às classes pobres.

Revolta

Meias solas, hoje em dia, E uma taça, e xícara, Cutam do lado que quis, Que custava um *porto* livre No tempo da monarquia.

Umas botas de má rez, E pior que há no mercado, Pode ser um vez Ou um simples *garibaldi* Arquinam o freguez.

— Custa o caro o martelo, Diz o mestre, com razão. Quasi tudo o papelão Em lugar de cabedal.

Mas fazendo as contas, bem, O pior só, aí, à corda, Lige a tira, os tem. De que o caro é que é a corda Sem dar prejuízo a ninguém.

Deixá, pois, que o mestre apele Para a trama, e a conclusão, E nos vá tirando a pele Impingido papelo Por dinheiro de papel.

J. B.

Vida política

Federacão Municipal Socialista. — Reúniu a Federacão Municipal Socialista de Lisboa, na presidencia do sr. Eduardo dos Santos Cardoso, secretariado pelos srs. António Luis Rosa e Joaquim da Costa Cabral.

Depois do presidente ter dito qual o seu sentido da palavra ao sr. António Luis Rosa, que comentou os atentados justificando a sua moção que foi aprovada por unanimidade.

A Federacão Municipal Socialista de Lisboa, interamente de acordo com a orientação do C. C. do P. S. P. expressa as suas notícias oficiais publicadas, reconhece que um atentado gravíssimo perdeu os seus efeitos nacionais, se impõe a constituição de um governo nacional que compreenda os interesses da maioria popular, e que só terá que lamentar uma situação que medidas energicas e acertadas poderão evitar.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que, a dar-se, levará o pessoal a desespero.

O mesmo pessoal está persuadido que o compromisso que o ministro do Comércio tomou para com a Comissão não ficará nas palavras que proferiu e por isso, espera que não terá que lamentar uma crise latente e evitar o desemprego que,

A BATALHA no Porto

Os empregados do comércio reclamam a libertação dos presos por questões sociais e apóiam a nota da C. G. I.

PORTO, 31 — A Junta Executiva da Federação dos Empregados no Comércio (zona norte) e a direção da União dos Empregados no Comércio desta cidade efectuaram uma reunião para se ocuparem dos acontecimentos recentemente ocorridos. Após discussão viva, resolveram reclamar do governo social:

imediatamente libertação dos presos por questões sociais;

cumprimento integral das leis de 8 horas e descanso, semanal constantemente espinhadas e desrespeitadas pelo patronato;

imediatamente abertura do Tribunal d'Arbitros Avindores, que, há perío de dois anos se encontra fechados com manifesto prejuízo da respectiva classe;

Satisfação das reclamações apresentadas pela C. G. I. aos poderes constituídos, e com as quais aqueles organismos estão de acordo.

De harmonia com estas deliberações, uma comissão composta dos camaradas Dias Pinheiro, J. Pereira e Abreu, representando a Federação, a União e o jornal da classe dos empregados no comércio, *Luz e Vida*, procurou o chefe do distrito. Como, porém, este não chega para as encordadas, não se encontra presente, sendo entregues as reclamações ao seu secretário particular, que, mostrando-se muito gentil, proetou perfinhá-las e apresentá-las ao sr. Raul Tamagnini, mal voltasse das suas missões oficiais — tanto mais que entre a classe dos empregados no comércio bastante simpatia... E' hábil que o sr. secretário tem para todas as comissões, para morrerem com as esperanças...

Um novo grupo anarquista. — Um novo jornal libertário. — Uma festa de propaganda

Nesta cidade acaba de fundar-se um novo grupo de anarquistas agrupados num "terreno de relação". Propõe-se, segundo o seu programa, tornar conhecida no país e, se for possível, na Península, a corrente anarquista individualista. Para isso contam com o auxílio de todos aqueles que aspiram à posse integral da própria individualidade, além de que a iniciativa tenha o seu desenvolvimento. O grupo em referência intitula-se *Refratários* e vai tirar um jornal com o mesmo nome, tendo por colaboradores, entre outros: Cristiano de Carvalho, Luís Casanova, José Franco, Luciano do Rio, Dílio Vouga, Costa Icar, Luciano Silva, André Lourito, Henrique Zisi, Amadeu Santos, etc., etc. Esta publicação elética procurará desvendar em todos os escravos do dogma e do capital, a intensa necessidade dum completa emancipação. Para que *Refratários* saia o mais brevemente possível, a sua redacção efectua, no domingo próximo, nas salas do Centro Comunista do Pórtico, pelas 4 horas da tarde, um sarau, com o seguinte programa:

Primeria Parte: I — Ouverture... II — Pele terceiro; II — De Max Stirner a Frederico Nietzsche, conferência por Juliano José Ribeiro.

Segunda Parte: I — Sinfonia, pelo terceiro; II — Poemas de Henrique Heine, recitados pelo tradutor, o ilustre poeta Amadeu Santos; III — Poesias de Olavo Bilac e Manuel Ribeiro, por Luciano do Rio; IV — Cantares, por Alberto C. Araújo M. Janior, acompanhado ao violino pelo professor Arnaldo Correia; V — Sonetos de Antero e Góes Leal, por Dílio Vouga.

Terceira Parte: Concerto — I — Marcha turca; II — Serenata Mourisca; III — Grande rapsódia (folklore); IV — Fado em sol menor; V — Marcha portuguesa; Palavras de despedida, por um Refratário.

Estes números serão executados pelos professores srs. Filinto Elio (violinista), Arnaldo Correia (viola) e Antonio Coelho (guitarra).

Num dos intervalos será sorteado entre os assistentes um utilíssimo objecto oferecido aos *Refratários* por um dedicado amigo do jornal.

Toda a correspondência para o grupo deve ser dirigida a Dílio Vouga, rua do Bouga, 215, Pórtico.

Os bilhetes encontram-se à venda nos seguintes locais: Sapataria Quintas — Caneira Velha; Centro Comunista — R. de Entreparedes, 33, 1.º e na Bar-

beira de Mendes Loio — R. do Loureiro.

No Sindicato Único Metalúrgico do Porto realiza-se uma grande reunião de reunido do Conselho de Delegados de fábricas e oficinas

Na sede do sindicato Único Metalúrgico desta cidade, reuniu o Conselho de delegados, com a quase unanimidade da sua representação, das fábricas e oficinas de metallurgia. Após a formatura da mesa, o camarada secretário geral do Sindicato mostra a imprescindível necessidade da sindicalização geral dos operários metalúrgicos, para assim se poder impôr vantajosamente na conquista das suas direitos morais, profissionais e sociais. Para que essa sindicalização seja coroada do maior êxito possível, defende a conveniência da nomeação de comissões sindicais por freguesias, as quais se encarregariam, por sua vez, da nomeação de comissões portuárias. Indicou mais a necessidade de se nomear imediatamente delegados nas oficinas onde ainda não existam. Sobre este pronunciaram-se os camaradas Vaz Osório, Mario de Carvalho, Caetano Rainha, Reinaldo Borges, Anastácio Ramos e outros, concordando em absoluta com o critério expandido pelo secretário geral. Em consequência disto, este apresenta uma proposta para que naquela reunião sejam já nomeadas as comissões de freguesias sendo unânime aprovada.

Procedendo-se às respectivas nomeações, as comissões ficam assim constituídas: Pela S.º, António Lago Rodriguez, Vaz Osório, Lourenço da Costa Peixoto, José Parada Dias e Filinto Elio de Almeida; Bonifácio: Manuel de Oliveira Barbosa, Mario Teixeira de Sousa, José de Abreu Magalhães; Cedofeita: Anastácio Ramos, Mario José Moreira, Reinaldo Borges e António Simões; Ramalde: Dionísio Gomes B. Marques de Azevedo, Manuel Marques e Amândio Pinto; Campanhã: Miquel Caetano Mendes, Manuel Gomes, António da Silva Azevedo, Felisberto Barros e Horácio de Sá; Santo Ildefonso: Tomás Soares da Aguiar e Raul Vieira Barreto; Paranhos: António Custódio Vicente. Ficou resolvido que as comissões incompletas deverão hão completar na próxima reunião do Conselho, que se efectuará no dia 3 de Novembro pelas 21 horas. Ontem, para a nomeação das restantes comissões de freguesias do Bairro Oriental, realizou-se uma assembleia de delegados na 2.ª secção do Sindicato Único, à Arrábida.

Na reunião de delegados acima referida, foi também tratada a questão dos apredizes, ficando assim tomadas-se todas as medidas atinentes à sua defesa, bem como cuidar-se, a sério, com a tida a energia, da higiene das fábricas e oficinas.

A Comissão Executiva do Conselho de delegados, espera que à reunião ordinária que se efectua quinta-feira, pelas 21 horas, no Sindicato Único Metalúrgico, não faltará nenhum representante de oficinas e fábricas, bem como as comissões de freguesias, atendendo à importância do assunto a tra-

tar.

Uma agressão

Recebeu curativo no banco e recolheu depois a casa Amélia da Conceição Pereira, de 49 anos, natural de Lisboa e residente na rua Martin Vaz, 45, 2.º, que ali foi agredido pelo homem com que a vive, ficando contusa pelo corpo.

Rendimentos dos operários

Foi pensado no banco do hospital de S. José, Fortunato Bento, de 12 anos, deputado de Guimarães, electricista, morador na rua Oliveira (ao Carmo), 53, 4.º, que nas oficinas da Empresa Lisboense de Electricidade, na rua dos Correiros, foi colhido pela engrenagem de uma máquina ficando com um dedo de pão direita esmagado. Recolheu depois a casa.

2-11-1921 — Folhetim de A BATALHA — N.º 22

Romance inédito por MÁRIO DOMINGUES

AREVOLTA D'ACARNE

SEGUNDA PARTE

Do adultério à prostituição

CAPÍTULO IX

A realização dos sonhos

Não havia dia que duas ou três frases violentas não abalassem a paz da habitação; as despesas dobraram os pés pela cabeça. A Lili gasava sem método nem conta e o Jorge começou a criar dívidas sobre dívidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não possuir dinheiro para o jantar, Jorge não lhe respondeu, recolheu-se num mutismo feroz. Passaram o dia sem comer, silenciosos, não se atrevendo a fitar-se de frente, nem a proferir palavra que pudesse incendiar as iras mal contidas.

Quando o dinheiro faltava, a harmonia do lar dissolve-se. É uma vez que Leonor declarou não poss

